

Boletim do Portal História da Psicologia

André Elias Morelli Ribeiro
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos
Yuri Pereira Antunes Vieira
Gunther Mafra Guimarães
Arthur Arruda Leal Ferreira
Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Organizadores



Organização:

André Elias Morelli Ribeiro
Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos
Yuri Pereira Antunes Vieira
Gunther Mafra Guimarães
Arthur Arruda Leal Ferreira
Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Boletim do Portal História da Psicologia

Editora do Portal História da Psicologia

Rio das Ostras/RJ
2022

Editora do Portal História da Psicologia

Portal História da Psicologia

COORDENAÇÃO

Prof. Dr. André Elias Morelli Ribeiro

VICE-COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Luiz Eduardo Prado da Fonseca

CONSELHO EDITORIAL

André Elias Morelli Ribeiro

Arthur Arruda Leal Ferreira

Luiz Eduardo Prado da Fonseca

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Yuri Pereira Antunes Vieira

Gunther Mafra Guimarães

© **2022**

É proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem autorização expressa da Editora do Portal História da Psicologia

Equipe de realização

Editor Responsável: André Elias Morelli Ribeiro

Revisão final: Gunther Mafra Guimarães

Capa: André Elias Morelli Ribeiro, com ajuda do DALL-E 2 (Open AI)

Projeto gráfico e diagramação: André Elias Morelli Ribeiro

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Boletim do portal história da psicologia [livro eletrônico] / organização André Elias Morelli Ribeiro...[et al.]. -- Rio das Ostras, RJ : Portal História da Psicologia, 2022. -- (Boletim do Portal ; 1)

PDF

Outros organizadores: Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos, Yuri Pereira Antunes Vieira, Gunther Mafra Guimarães, Arthur Arruda Leal Ferreira, Luiz Eduardo Prado da Fonseca.

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-997325-1-5

1. Artigos - Coletâneas 2. Psicologia
3. Psicologia - História 4. Psicologia - Pesquisa
5. Publicações científicas I. Ribeiro, André Elias Morelli. II. Santos, Marcus Vinícius do Amaral Gama. III. Vierira, Yuri Pereira Antunes. IV. Guimarães, Gunther Mafra. V. Ferreira, Arthur Arruda Leal. VI. Fonseca, Luiz Eduardo Prado da. VII. Série.

22-140379

CDD-150

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia 150

Inajara Pires de Souza - Bibliotecária - CRB PR-001652/0

Sumário

Apresentação..... VII

VERBETES

Ângela Biaggio..... 27

Escala de Inteligência Binet-Simon..... 39

Henri Wallon..... 63

História da História da Psicologia..... 79

Hugo Münsterberg..... 144

Ignácio Martín-Baró..... 164

Isabel Briggs Myers..... 198

Lourenço Filho..... 222

Maria Helena Souza Patto..... 233

Teoria da Equilibração..... 246

Testes ABC..... 256

Virgínia Bicudo..... 270

ARTIGOS ORIGINAIS

A Viagem de Claparède ao Brasil..... 286

TRADUÇÕES

Cinquenta Dias no Brasil..... 333

RELATOS

Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia (FHIPSI).....	346
39º Encontro Anual Helena Antipoff.....	367
9ª Jornada Chilena de História da Psicologia.....	373
6º Congresso Brasileiro Psicologia: Ciência e Profissão:.....	381
54th Annual Meeting of Cheiron.....	387
Lista de Autores.....	391
Contribuições para o Boletim do Portal História da Psicologia.....	399

Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia (FHIPSI)

Gustavo Cruz Ferraz

Roberto de Oliveira Preu

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

Neste relato desejamos apresentar para o público brasileiro interessado em História da Psicologia, o FHIPSI – Grupo de Pesquisa em Filosofia e História da Psicologia, do Departamento de Psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda. Além de narrar brevemente a história ainda muito recente do grupo e apresentar suas três frentes de pesquisa, gostaríamos de ensaiar uma reflexão a respeito da possibilidade e necessidade de reunião da história e da filosofia da psicologia em um mesmo plano. Iniciaremos com este ponto, tomando a liberdade de convidar o leitor a nos acompanhar pela contemplação de algumas imagens cotidianas.

Consideremos que despertamos pela manhã, e ainda num estado de descanso e despreocupação abrimos uma janela pela qual se vê de forma desimpedida o nascer do sol. Contemplamos por alguns instantes o arco de luz amarelada que se

forma no horizonte entre algumas montanhas, enquanto muitos pássaros cantam animadamente. Em poucos minutos, o arco se torna um círculo completo que, pouco a pouco, se desloca pelo céu na direção do topo das nossas cabeças. Enquanto pequenos raios luminosos começam a nos aquecer a face, nos sentimos impelidos a partir em direção a nossas atividades diárias. Atividades estas que se inserem em um conjunto mais amplo de práticas sociais historicamente situadas.

Este episódio bastante comum contém elementos suficientes para nossos interesses. Destacamos primeiramente que estão aqui diversas ocorrências que costumamos chamar de fenômenos psicológicos, como a sensação da luz, do som e do calor; a percepção de objetos como o sol, o céu, as montanhas e o canto dos pássaros; as tendências (hábitos, desejos, vontades, impulsos) a levantar, abrir, contemplar, partir. Fenômenos psicológicos que a maioria de nós pode (a) vivenciar e (b) descrever, explicar e manipular sem nunca entrar em uma aula de psicologia, e que compõem, dessa forma, o que podemos denominar de (a) experiência psicológica e (b) psicologia de senso comum. Todo este material, não obstante, constitui igualmente parte do assunto do campo científico ou disciplinar que tratamos atualmente como Psicologia. Aqui

encontram-se as diversas teorias e práticas relativas a estes e outros assuntos, e buscam-se, por exemplo, explicações para o tipo de experiência sensível que temos; para as fronteiras e relações entre as sensações de luzes e ondas sonoras e as percepções de coisas como “o nascer do sol” e o “canto dos pássaros”; para a inclinação a parar e contemplar estes objetos ao invés de quaisquer outros etc. Consideradas em geral, cada uma das teorias e práticas da psicologia envolve uma multiplicidade de posicionamentos por parte dos indivíduos que as sustentam relativos à (i) natureza última (corporal, mental etc.) destes fenômenos, às (ii) condições de possibilidade do nosso conhecimento sobre eles, (iii) estratégias mais adequadas para este conhecimento e para (iv) os diferentes e melhores usos deste conhecimento. O estudo, seja descritivo, avaliativo ou normativo de cada grupo destes posicionamentos, pertence a um campo abrangente que podemos designar como Filosofia da Psicologia e que, desta forma, engloba ao menos as subáreas da (i) ontologia, (ii) epistemologia, (iii) metodologia e (iv) ética. Agora, consideradas não apenas em geral, mas em sua existência concreta ao longo do tempo, situada num sem-fim de circunstâncias culturais, sociais, materiais etc., estas diversas teorias e práticas e

suas situações constituem parte do que podemos compreender como a história da Psicologia, e o seu estudo parte da Historiografia da Psicologia. Todos os campos voltados para o exame dos fenômenos psicológicos considerados até aqui podem ser compreendidos como parcialmente pertencentes à Psicologia. E, no entanto, aqueles fenômenos impõem ainda questões a campos adjacentes a ela. Por exemplo, na medida em que percebemos na experiência o movimento do sol, mas compreendemos pela educação que o movimento que observamos é de fato o da terra, somos levados às indagações relativas aos limites e possibilidades do nosso conhecimento (sensível, racional etc.), o que constitui parte do campo filosófico da Epistemologia. E dando-nos conta de que observações empíricas e elaborações teóricas parecem conspirar na produção do nosso conhecimento, notamos que o mesmo ocorre com o conhecimento historiográfico, e somos levados aos debates sobre as diferentes maneiras de se produzir este conhecimento, o que constitui o campo da metahistoriografia, próprio da ciência e disciplina História.

Em suma, pretendemos produzir até aqui uma impressão sobre o entrelaçamento de alguns campos do conhecimento: (1) Senso Comum, (2) Psicologia, (3) Filosofia da Psicologia, (4) Historiografia da

Psicologia, (5) Epistemologia e (6) Metahistoriografia. De acordo com nossa perspectiva, mesmo a consideração mais simplória de eventos psicológicos nos conduz, com um pouco de reflexão, a este entrelaçamento. Com isto, estamos em condições de chegar ao ponto que nos interessa desde o início: o apontamento da possibilidade e necessidade de algo como uma História e Filosofia da Psicologia.

Ora, seguramente é uma possibilidade que se apresenta a qualquer cientista dedicar-se exclusivamente a algum dos campos anteriores. Um antropólogo poderia satisfazer-se com uma vida de estudos sobre o campo (1), enquanto um psicólogo poderia habitar apenas o campo (2) – o que de fato é, compreensivelmente, o mais frequente. O mesmo vale para todos os campos. No entanto, ao adentrarmos os campos (3) e (4), vemos que algumas complexidades se colocam. Um pesquisador, por exemplo, poderia decidir dedicar-se ao tratamento puramente descritivo da ocorrência de uma certa teoria ou prática psicológica ao longo da história, restringindo-se a (4). No entanto, quando este pesquisador pretende compreender as minúcias teóricas e justificativas desta teoria ou prática, rapidamente se nota um trânsito para o terreno (3) da Filosofia da Psicologia. Isto é, dificilmente poderíamos investigar e narrar de forma

compreensível a trajetória de alguma teoria da percepção ou da emoção, por exemplo, sem adentrar o terreno de sua fundamentação lógica. De maneira similar, um pesquisador poderia almejar examinar de forma exclusivamente (3) lógica uma determinada teoria da percepção ou emoção. Mas, na esmagadora maioria dos casos (tanto de teorias do presente quanto do passado do pesquisador, mas ainda mais nestes casos) dificilmente poderia fazê-lo sem incluir em sua agenda algum grau de (4) exame histórico para compreender o sentido dos termos usados na teoria em questão, assim como a rede de ideias com os quais a teoria debate e as circunstâncias das quais importa premissas e para as quais projeta suas conclusões. Desta maneira, o pesquisador da filosofia da psicologia dificilmente poderia furtar-se integralmente a algum grau de prática historiográfica.

É minimamente por estas circunstâncias que admitimos a possibilidade de algo como uma Filosofia e História da Psicologia. No que diz respeito à sua necessidade, nos parece que ela deriva em alguma parte das mesmas considerações feitas até aqui: grande parte da investigação histórica sobre a psicologia parece necessitar de algum grau de filosofia da psicologia, e vice-versa (c.f., HANSON, 1962). Mas, podemos ir um pouco além. Uma

perspectiva histórico-filosófica sobre a Psicologia parece necessária também para avançarmos nos demais campos que mencionamos anteriormente. No que diz respeito a (5), não nos parece que a Epistemologia, isoladamente, possa contemplar questões impostas pelos fenômenos psicológicos sem lançar mão das teorias e práticas psicológicas investigadas em estudos de História e Filosofia da Psicologia. Sobre a metahistoriografia, por sua vez, os debates necessários para a elaboração de uma História e Filosofia da Psicologia (tais como os que vimos até aqui) já implicam discussões no campo (6) da metahistoriografia, e constituem assim contribuições a ele.

Não pretendemos com essa reflexão, obviamente, esgotar a discussão sobre a História e Filosofia da Psicologia, ou reclamar alguma originalidade em relação a todo o debate que a envolve. De fato, a literatura existente a respeito da relação entre história e filosofia das ciências e da psicologia é atualmente extensa o suficiente para muitas vidas de estudo, e o que apresentamos deriva de uma apreensão pequena e parcial dos debates dessa literatura. Contudo, temos aqui o suficiente para contemplar o propósito reflexivo que anunciamos ao início deste relato. E sendo assim, procedemos para a apresentação do FHIPSI.

As atividades do FHIPSI começaram no segundo semestre de 2019, a partir da reunião dos docentes Roberto de Oliveira Preu, Gustavo Cruz Ferraz e Thiago Constâncio Ribeiro Pereira no departamento de psicologia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal Fluminense, campus de Volta Redonda. Com percursos diferentes, mas sempre marcados pelo interesse em História e Filosofia da Psicologia e pelo reconhecimento da importância destes campos para a formação em Psicologia, os docentes criaram uma agenda de trabalho conjunto que previa, inicialmente, um grupo de estudos em torno dos temas da cognição, corporeidade e experiência, no contexto dos saberes psi, da história e filosofia da psicologia, assim como das ciências da cognição. A partir destes estudos, que mobilizaram diversas metodologias de trabalho sobre obras clássicas e contemporâneas, foram sendo delineadas propostas que culminaram nas pesquisas atualmente desenvolvidas, e na linha de pesquisa do grupo, intitulada Cognição, Corporeidade e Experiência. Assim sendo, além do grupo de estudos, que segue existindo na condição de atividade do grupo de pesquisa, cada coordenador desenvolve uma pesquisa junto à sua equipe de discentes do curso

de psicologia. Apresentaremos a seguir as linhas gerais de cada uma dessas pesquisas.

O corpo nas teorias psicológicas

A pesquisa O Corpo nas Teorias Psicológicas é coordenada pelo professor Thiago Pereira. Seu objetivo é investigar o conceito e o papel dado ao corpo nas teorias psicológicas ao longo da história da psicologia. A pesquisa parte da percepção de uma tendência de psicólogos e historiadores da psicologia a pressupor que os teóricos da psicologia, em especial os mais antigos, conceberam sua tarefa predominantemente como uma investigação da mente ou da alma, na qual as considerações a respeito da dimensão corporal teriam no máximo um papel complementar. Sob o efeito desta tendência, que se poderia denominar “mentalismo de historiador”, estudiosos do campo psi são levados a negligenciar, distorcer ou simplificar o que diversas teorias psicológicas trataram a respeito do corpo, da relação entre mente e corpo e do papel da dimensão corporal na teorização psicológica. E na medida em que a historiografia da psicologia não apenas descreve fatos do passado, mas produz e difunde no presente um certo sentido do que essa ciência é ou deve ser (c.f., BROŽEK, MASSIMI, 1998), esta tendência parece participar ainda dos diversos

processos de cisão no campo psi entre abordagens que, em um extremo, tomam a dimensão corporal como aquela verdadeiramente relevante para o estudo dos fenômenos psicológicos e, em outro, compreendem a mente como um sistema computacional completamente independente da dimensão corporal. Investigando a concepção sobre e o papel dado à dimensão corporal nas teorias psicológicas, a pesquisa pretende preencher uma lacuna historiográfica, e também contribuir com os debates contemporâneos a respeito da natureza, limites e possibilidades da psicologia.

Consonante com a trajetória do pesquisador, na qual destaca-se um enfoque na história e filosofia da psicologia do século XVIII (e.g., ARAUJO, PEREIRA, STURM, 2021), a pesquisa concentra-se atualmente em teorias psicológicas das tradições francesa, alemã e inglesa dos séculos XVII e XVIII, como as de R. Descartes (1596-1650), G. W. Leibniz (1646-1716), C. Wolff (1679-1754), T. Hobbes (1588-1679) e J. Locke (1632-1704). Participam de seus debates, portanto, aqueles relativos aos limites e razões da historiografia da psicologia (p. ex., SMITH, 1988), às fronteiras entre filosofia e ciência psicológica (HATFIELD, 1995), entre outros.

Corpo e sexualidade nas encruzilhadas da história da psicologia e da história social

O projeto de pesquisa Corpo e Sexualidade nas Encruzilhadas da História da Psicologia e da História Social, coordenado pelo professor Roberto de Oliveira Preu, tem por objetivo avaliar como os problemas investigados no âmbito da história da ciência psicológica e dos saberes “psis” são atravessados por tensionamentos da conjuntura sócio-histórica.

Michel Foucault (2008), em seu curso sobre segurança, território e população nos mostra como, no período histórico compreendido entre os séculos XVI e XVIII, conhecido pela passagem do feudalismo ao capitalismo, os debates acerca das questões administrativas do estado deslocam seu foco do território para o governo das populações. É nesse período que, no nível das práticas sociais, podemos observar uma transformação no centro de gravidade da produção de riquezas. A terra deixa de ser considerada como fonte principal de riquezas e o corpo, corpo humano, corpo do trabalhador, passa a ocupar esse lugar. O controle desse corpo passa a ser uma questão fundamental para as novas formas de governo que emergem nessa conjuntura.

De outra parte, com Kurt Danziger (1983), aprendemos como a configuração dos problemas que dão origem às ciências psicológicas dependem da superação de um antigo dualismo. Analisando o mesmo período, mas no âmbito da história dos problemas psicológicos, Danziger mostra que, em fins do século XVII, estes obedeciam a uma separação entre, de um lado, um “reino da matéria” ou “das necessidades” e, de outro, um “reino do espírito” ou “das vontades”. Já com o surgimento da psicologia moderna, os problemas passam a girar em torno do que o autor define como “esquema do movimento estimulado”, característico do corpo vivo, isto significando que a conduta e a cognição precisam, desde então, ser definidos de acordo com circunstâncias antecedentes, abrindo caminho para uma ciência que estuda o comportamento estabelecido como resultado de um determinado estímulo.

De um lado, as necessidades de controlar e adaptar o corpo às novas exigências do trabalho no sentido do que impõe o capitalismo industrial e, de outro, uma ciência do comportamento que se esboça. É nesse contexto que nosso problema de pesquisa, no momento atual, se constitui como uma interrogação acerca da ideia de objetividade em psicologia e, em que medida, para além de

compromissos epistemológicos, essa ideia de objetividade responde a apelos que têm sua gênese nas condições da história social e econômica. Se tomamos o clássico, *A Psicologia como o Behaviorista a Vê* de John Watson, lemos: “A psicologia como o behaviorista a vê é um ramo experimental puramente objetivo das ciências naturais. Seu propósito teórico é a previsão e o controle do comportamento” (1913, p. 158). Em que termos a ideia de “ramo puramente objetivo das ciências naturais” está em consonância com a formulação do conceito de objetividade do século XIX?

Segundo Lorraine Daston (2017), a objetividade no século XIX pode ser definida como uma “objetividade aperspectivística”. Essa modalidade, tal como a compreendemos no uso corrente, fora importada para as ciências naturais no século XIX, sendo originariamente princípio da filosofia da moral e da estética da segunda metade do século XVIII. Daston explica que, no século XIX, as ciências naturais encontravam-se num momento de intenso intercâmbio de pensamentos. Crescia a interação entre cientistas de diferentes países e, com isso, a necessidade de tornar padronizado e universal os conhecimentos. Por objetividade, o século XIX entende a camada do conceito que

pretende a sua comunicabilidade. Essa comunicabilidade implica a preferência por métodos e observações menos suscetíveis a perspectivismos humanos no fazer ciência. Para tanto, a ciência “objetiva” passou a visar fenômenos permeáveis à possibilidade de uma mecanização do processo de observação. Daston chama de objetividade aperspectivística essa modalidade de objetividade que aparece no século XIX, caracterizada como uma “visão de lugar nenhum”. A autora marca, em acréscimo, uma aproximação desta com aquilo definido por ela como objetividade mecânica, que se baseia no paradigma de um instrumento tecnológico de fundamental importância no século XIX, a câmera fotográfica. A câmera põe em cena a possibilidade de uma observação da mecânica dos corpos a partir de um aparelho, ele mesmo mecânico, aparentemente livre da interferência da percepção, intuição ou das predileções dos humanos.

De nossa perspectiva, observamos um mesmo movimento nos trabalhos desses autores, movimento este que define o plano de base de nossa pesquisa: no cruzamento entre a história das transformações dos meios de produção e da história dos problemas psicológicos, o corpo vivo se torna o centro das atenções, num movimento que aponta

para uma caracterização cada vez mais mecânica desse corpo e dessa vida. Vemos, neste cenário, toda uma estratégia de acoplamento do corpo, da cognição e do próprio conhecimento científico ao funcionamento das máquinas que definem paradigmaticamente o modo de produção tornado hegemônico no século XIX, o capitalismo. É a partir desse movimento que interrogamos a história da psicologia, os sentidos e problemas por ela suscitados, buscando avaliar em que medida eles visam apenas responder às regras epistemológicas de constituição de uma ciência objetiva, e em que medida eles se aliam a regulações políticas e econômicas produzidas numa conjuntura sócio-histórica.

Por uma pragmática da experiência: contribuições pragmatistas para as ciências da cognição

A pesquisa *Por uma pragmática da experiência: contribuições pragmatistas para as ciências da cognição*, coordenada por Gustavo Cruz Ferraz, busca articular as contribuições clássicas e contemporâneas do pragmatismo às discussões sobre a experiência subjetiva e o embodiment (corporificação) trazidas pelas perspectivas 4E da cognição, em especial a perspectiva enativa. Esta

articulação nos parece especialmente relevante uma vez que a hipótese que emergiu como dominante no processo de consolidação da chamada "revolução cognitiva" - o modelo do processamento de informação - privilegia os aspectos formais e invariantes da cognição. Questões como a experiência subjetiva em primeira pessoa, os aspectos afetivos, ou ainda a dinâmica temporal e contínua da cognição, foram relegadas a segundo plano ou até mesmo consideradas como sendo de ordem extra-cognitiva. Como afirmam Kastrup, Tedesco e Passos (2008), as várias formas de estruturalismo presentes no campo das ciências da cognição são versões sofisticadas do modelo da representação, que tem suas bases em Descartes e Kant.

Numa direção contrária, o problema discutido na presente pesquisa se aproxima de um movimento que tem ganhado cada vez mais força nesse campo de estudos e que se organiza em torno da chamada Cognição 4E: Embodied (corporificada), Embedded (situada), Enactive (enativa), Extented (extendida). Para além das diferenças internas presentes em cada um desses programas de pesquisa, há um conjunto de preocupações similares que os orientam e que, de forma geral, caminham na direção da superação das limitações presentes no modelo

cognitivista ortodoxo. Privilegiamos na presente pesquisa a perspectiva enativa, pois nos parece aquela que vai mais longe na crítica aos pressupostos representacionistas deste modelo. Partindo da continuidade entre vida e mente, os trabalhos em torno do enativismo colocam mais frontalmente o sentido e a criação como temas centrais no estudo da cognição. Mas o fazem de uma perspectiva que busca evitar as armadilhas ao mesmo tempo individualistas, mentalistas e universalizantes fortemente presentes na tradição ocidental (Varela, Thompson, Rosch, 2003; Depraz, Varela, Vermersch, 2003; Kastrup, Tedesco & Passos, 2008; Gallagher, 2017; Di Paolo, Cuffari, De Jaegher, 2018).

Daí advém a pertinência da proposta de aprofundamento e refinamento da articulação com o pragmatismo, uma vez que as discussões ali presentes sobre a natureza do conhecimento e da mente se constituíram como um importante movimento no enfrentamento dos dualismos ontológicos e epistemológicos que acabam por perpetuar um ethos do conhecimento por demais contemplativo, universalizante e distante da vida prática.

A proposta da presente pesquisa conjuga e prolonga questões às quais o pesquisador vem se

dedicando em seu percurso acadêmico, que tem nos estudos da cognição e nas reflexões sobre os fundamentos históricos e epistemológicos da psicologia, campos privilegiados de atuação. Este percurso é marcado por uma política de pesquisa que valoriza a interdisciplinaridade e por uma perspectiva na qual a cognição é tomada em sua dimensão processual, situada e inventiva, de maneira que a discussão científica e filosófica sobre a cognição esteve sempre marcada por suas interfaces com a arte, os arranjos sócio-técnicos e os estudos de produção de subjetividade. Pode-se notar que essa forma de colocação do problema, faz convergir os estudos da cognição e o universo de questões pertinentes ao campo da filosofia e da história da psicologia, mas buscando sempre os intercessores que nos permitem evitar as armadilhas formalistas e universalizantes presentes na tradição ocidental.

Nesse sentido uma proposta de pragmática da experiência, de caráter exploratório, processual, concreto e performativo, nos parece estratégica, pois ao ressituar a discussão sobre cognição e experiência, pode contribuir para a construção de uma psicologia concernida com suas múltiplas interfaces, os problemas de seu tempo e o exame crítico de suas práticas e formas de categorização.

Em um momento em que os cânones universalizantes do pensamento ocidental vêm sendo profundamente questionados sob diversos aspectos, como o mostram as perspectivas feministas, decoloniais, ecológicas entre outras, é fundamental que as reflexões e práticas psicológicas possam vir a ser mais um vetor de relevância no processo de construção de modos mais plurais e inclusivos de pensamento e existência

Referências

ARAUJO, S. F.; PEREIRA, T. C. R.; STURM, T. (ed.). The Force of an Idea: **New essays on Christian Wolff's psychology**. Cham: Springer, 2021.

BROŽEK, J.; MASSIMI, M. (orgs.). **Historiografia da psicologia moderna**: versão brasileira. São Paulo: Loyola, 1998.

DANZIGER, K. Origins of the schema of stimulated motion: towards a pre-history of modern psychology. **History of Science**, v. 21, n. 2, 1983, p. 183-210.

DASTON, L **Historicidade e objetividade**. São Paulo: LibersArs, 2017.

DEPRAZ, N., VARELA, F., VERMERSCH, P. **On becoming aware:** a pragmatics of experiencing. Amsterdam/Philadelphia: John Baltimore Publishing Company, 2003.

DI PAOLO, E., CUFFARI, E., DE JAEGHER, H. **Linguistic bodies:** the continuity between life and language. Cambridge: The MIT Press, 2018.

FOUCAULT, M. **Segurança, território, população.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GALLAGHER, S. **Enactivist interventions:** rethinking the mind. Oxford: Oxford University Press, 2017.

HANSON, N. A irrelevância da história da ciência para a filosofia da ciência. In: CARRILHO, M. (org.). **Epistemologia:** posições e críticas. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1962.

HATFIELD, G. Remaking the science of mind: Psychology as natural science. In: FOX, C.; PORTER, R.; WOKLER, R. (ed.). **Inventing human sciences:** Eighteenth-century domains. Berkley: University of California Press, 1995, p. 184-231.

KASTRUP, V.; TEDESCO, S. & PASSOS, E. **Políticas da cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2008.

SMITH, R. Does the history of psychology have a subject? **History of the Human Sciences**, v. 1, n. 2, 1998, p. 147-177.

VARELA, F. THOMSPSON, E.; ROSCH, E. **A mente incorporada**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.

WATSON, J. Psychology as the behaviorist views it. **Psychological Review**, v. 20, 1913, p. 158-177.

Lista de Autores

Adrian Brock

Docente na Universidade de Cape Town, África do Sul

Alice Vasconcelos Dantas da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Allana Souza da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Clara Domingues Cabral de Andrade

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Júlia do Amaral

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anna Valentina Nascimento

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Anne Midão Nogueira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Arthur Arruda Leal Ferreira

Docente na Universidade Federal do Rio de Janeiro

Beatriz Campos Frazão

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Beatriz Paulino de Oliveira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Carolina Pascoal Costa Rodrigues

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Clara Lyra Santos

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense do Espírito Santo

Cecí Pereira Pinto Junqueira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Daniel Alves de Oliveira Junior

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Daniela Carolina Silva Barbosa

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Elisa Teófilo Rolim

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Fernanda Beatriz Santo

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Fernanda de Oliveira Cunha

Doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Fernanda Pereira da Costa

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gabriel de Araújo Cordeiro da Fonte

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gabriella da Verdade Lobo

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gunther Mafra Guimarães

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Gustavo Cruz Ferraz

Docente na Universidade Federal Fluminense em Volta Redonda

Hugo Leonardo Rocha Silva da Rosa

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Igor de Abreu Portela Cunha

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Isabella Coutinho Gonzaga

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

João Victor Mothé

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Laina Rizzo da Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Laura Maia Vieira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Laura Nobre de Azevedo Novaes

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Letícia Campanatti

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Marcus Vinícius do Amaral Gama Santos

Mestre pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Maria Stefany Lima

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Mariana de Castro Moreira

Docente na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Melissa Iara dos Santos Mollesena del Monaco

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Mickaela Faria

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Nathalia Meirelles dos Santos Soares

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Nicole Correa de Souza

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Paula Raíssa de Oliveira Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Raquel Donegá de Oliveira

Discente de psicologia na Universidade Federal Fluminense em Rio das Ostras

Roberto de Oliveira Preu

Docente na Universidade Federal Fluminense em
Volta Redonda

Rodolfo Luís Leite Batista

Docente na Universidade Federal de Juiz de Fora

Rodrigo Lopes Miranda

Docente na Universidade Católica Dom Bosco

Talles Gomes dos Santos Silva

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Thaís Arci Menezes Ferreira

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Thiago Constâncio Ribeiro Pereira

Docente na Universidade Federal Fluminense em
Volta Redonda

Victoria Salgado de Aguiar

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Vitória Bom Gomes

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras

Yuri Pereira Antunes Vieira

Discente de psicologia na Universidade Federal
Fluminense em Rio das Ostras